

Casa: lugar do “lava-pés”

gesto ousado que quebra toda pretensão de poder

Lembre-mo-nos, antes de tudo, desta expressão: “*a planta dos pés*”. Esta “planta” clama por raízes. Os **pés** escutam a terra e nos enraízam na realidade histórica. É difícil ter os **pés** sobre a terra... Podemos sentir isso se “*escutarmos*” bem nossos **pés**. O Ocidente deseja que as pessoas pensem no céu, e alonguem a cabeça no ar para fazê-la olhar para cima e ver as nuvens.

O Oriente sabe que a melhor maneira de chegar ao céu é pisar solidamente na **terra**. Segundo a tradição oriental, quanto mais próximo do chão estiver o **corpo**, mais livre fica a mente e mais sensível o coração.

Quanto mais proximidade e intimidade com a **terra**, mais profunda é a experiência espiritual.

Cada **passo** deve ser uma oração e cada caminhar é um rosário de contas que marcam os caminhos da vida com a fê do caminhante.

Dá força e inspiração sentir a grande Casa, a **Terra**: apalpar sua firmeza, medir sua imensidade, contemplar sua beleza; ela é o **altar cósmico** sobre o qual celebra-se diariamente a liturgia da vida.

Não há uma “**Terra Santa**”, há uma maneira santa de caminhar sobre a **terra**. É a nossa maneira de caminhar sobre a **terra** que a torna sagrada.

Mudar o nosso modo próprio de **caminhar**, mudar o nosso modo de colocar o **pé** na terra, não é somente uma terapia psicossomática, mas pode ser um exercício espiritual. É aceitar-nos em nossa dimensão terrosa.

O equilíbrio do corpo, o equilíbrio do nosso psiquismo, o equilíbrio de nossa vida espiritual depende deste **enraizamento**. E se as raízes são sadias, toda a árvore é sadia. Algumas vezes somos jardineiros, muito atentos à flor e ao fruto, mas esquecemos as **raízes**, esquecemos os **pés**.

É por aí que devemos começar os nossos cuidados.

A tradição dos Padres do Deserto nos diz que todos nós temos os **pés** vulneráveis, muitas vezes feridos e maltratados. E temos necessidade de sermos cuidados e curados no nível de nossos **pés**. Precisamos fazer o caminho que vai dos “*pés inchados e feridos*” aos “*pés alados*”; partimos de nossos **pés** pesados como se tivéssemos um fardo de memórias para carregar conosco. Sentimos que este fardo de memória nos entrava a marcha e nos impede o caminhar.

É preciso cuidar dos próprios **pés** para que eles possam reencontrar suas asas; caminharemos, assim, sobre a terra com os pés livres, leves, soltos. E, como seres humanos, reencontraremos nossa condição **divina**.

Jesus sabia que seus discípulos tinham pés frágeis, pés de argila. Amar alguém não é querer que ele fique deitado a seus pés, mas é querer que ele se mantenha de pé em toda sua grandeza, na plenitude de sua humanidade. Amar alguém é querê-lo com os pés “livres, leves e soltos”. Lavar os pés é gesto de humanização e gesto humanizante. É devolver ao outro a dignidade e capacidade de dar destino à sua vida.

O gesto do “**lava-pés**” é inspirador para todo(a) seguidor(a) de Jesus Cristo; constitui um dos gestos mais ousados e expressivos da missão e da identidade para aqueles que exercem algum **serviço** em sua comunidade. É revelação e ensinamento. É amor e mandamento. É gesto-vida, gesto-horizonte, gesto-luz...

Não se pode amar alguém e olhá-lo de cima. Não se trata também de se “humilhar”, de se colocar “abaixo” de seus pés, mas de **cuidar** de seus pés para que esse alguém possa se manter de pé, para que ambos possam estar face a face e caminhar juntos.

O Evangelho de S. João substitui a instituição da Eucaristia pelo **Lava-pés**.

Audaciosa inovação que dirige o **gesto eucarístico** para a revolução das relações humanas: Jesus se esvazia de todo poder, faz-se servo e revela sua verdadeira identidade na capacidade para **servir**; a **autoridade** não se exerce submetendo o outro, mas possibilitando que o outro “seja” ele mesmo.

O **Lava-pés** é gesto ousado que quebra toda pretensão de poder. Jesus viu claramente que o perigo mais grave que ameaçava seus seguidores é a tentação do **poder**. Não há dúvida de que isso é o que causa o maior dano a todos, o que mais desumaniza.

A reação de Pedro expressa bem o escândalo que este gesto produz, porque Jesus revela que a **autoridade** - ser Senhor - é um serviço, não uma dominação.

Pedro fica desconcertado e em dilema. Sua imagem do Messias seguro e vencedor não combina com a vulnerabilidade de um servo.

Por isso, com esse gesto, Jesus expressa que nunca quis agir como o superior que se impõe com poder; do mesmo modo, viu em semelhante comportamento uma conduta radicalmente inaceitável para seus

seguidores. A relação que se estabeleceu entre os discípulos e Jesus não foi a de submissão a um poder que manda e dá ordens, mas a do **“seguimento”** que brota da experiência de sentir-se atraído e seduzido pelo “modo de proceder” do mesmo Jesus.

O **“descendimento”** do Senhor aos pés dos discípulos e fazendo-se servidor, transforma o status da **servidão** (*“o servo não sabe o que faz seu senhor”*) em **fraternidade** (*“não vos chamo servos, mas amigos”*).

Deste modo se mostra o verdadeiro **senhorio** de Jesus: a possibilidade de restabelecer a igualdade entre as pessoas através da superabundância de um **amor** que se derrama, sem reservas, para todos. Este gesto provocativo de serviço e despojamento d’Aquele que é **“Senhor”** desperta em cada seguidor o desejo de considerar suas qualidades e capacidades como veículos de doação, não de poder ou de manipulação.

A partir deste **“ousado gesto”** já não se justifica nenhum tipo de superioridade, mas somente a relação pessoal de irmãos e amigos.

A **cena do lava-pés** revela profundidade e delicadeza, mútuo dom e acolhimento, comunhão e pressentimento. É um gesto profético, repleto de generosidade e de humildade.

Com este gesto Jesus des-vela uma **imagem** nova de Deus: o Todo-Misericordioso esvazia toda e qualquer expressão de **poder** e submissão entre os humanos.

Ninguém serve a Deus, a não ser do jeito de Jesus, isto é, lavando os pés dos outros, amando-os até o fim.

Nosso Deus não é prepotência, mas condescendência. É o Criador que se põe aos pés da criatura.

Nosso Deus é um Deus que **“desce”**, que se **“inclina”** para acolher.

Mistério da Encarnação: Deus abraçando e sendo encontrado junto aos pés dos seus filhos(as).

Casa, mesa, lava-pés, refeição, hospitalidade..., são os grandes sinais do Reino. Em torno à mesa se expressam os valores de uma nova ordem social. A casa, a hospitalidade, a refeição partilhada são o sacramento do sonho de Deus sobre a humanidade e sobre o cosmos inteiro.

A casa-lar deve ser o ambiente privilegiado onde se prolonga e se visibiliza o gesto provocativo do lava-pés;

gesto que desperta uma sensibilidade solidária diante daqueles que não tem morada digna para poderem viver os valores evangélicos da acolhida, da partilha, da convivência...

Na vivência do serviço evangélico, somos chamados a vestir o **“avental de Jesus”**. **“Vestir o coração”** com o avental da simplicidade, da ternura acolhedora, da escuta comprometida, da presença atenciosa, do serviço desinteressado...

Precisamos **“levantar-nos da mesa”** cotidianamente. Há sempre um lar que nos espera, um ambiente carente, um serviço urgente. Há pessoas que aguardam nossa presença compassiva e servidora, nosso coração aberto, nossa acolhida e cuidado...

Sempre teremos **“pés”** para lavar, mãos estendidas para acolher, irmãos que nos esperam, situações delicadas a serem enfrentadas com coragem...

Sempre teremos, também, a necessidade de nos **“sentar à mesa”** para renovarmos as forças e redobramos a coragem de nos levantar e, na humildade, sem manto, servir com amor, do jeito de Jesus.

“Levantar-nos da mesa” – **“sentar-nos à mesa”**: movimento de partida e de chegada; prolongamento do gesto provocativo e escandaloso de Jesus.

Texto bíblico: Jo 13,1-15

Na oração: Seja você alguém que, na admiração da gratidão, se aproxima deste **gesto ousado** de Jesus (tirar o manto e vestir o avental), a fim de purificar sentimentos, endireitar caminhos e aprofundar a cami-

nhada na convivência com os irmãos.

A sua identificação com Jesus lhe confere um novo modo de ver, avaliar e assumir atitudes mais evangélicas.

É a **contemplação**, o modo de orar mais envolvente que lhe pode fazer enxergar o milagre; e, sensibilizado(a), abrir-se à dimensão do maior serviço, por pura gratuidade.